

A Fortaleza da fé em dois movimentos: *Marchando para Jesus, Caminhando com Maria*

The *Strength* of faith in two movements: *Marching to Jesus, Walking with Mary*

*Emanuel Freitas da Silva*¹

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as dinâmicas do religioso a partir de duas pesquisas de campo realizadas em eventos religiosos de matrizes cristãs na cidade de Fortaleza, no ano de 2018. Um evento de matriz evangélica, denominado *Marcha para Jesus*, e outro de matriz católica, a *Caminhada com Maria*. Concordamos com o antropólogo Clifford Geertz quando afirma que, na contemporaneidade, a religião parece ter sido “impulsionada para fora” dos seus tradicionais espaços de manifestação, lançando-se à ocupação dos espaços públicos de sociabilidade para a reafirmação de seus valores. Identificamos, pois, uma certa disputa entre católicos e protestantes por esse espaço público por excelência – a rua – no intuito de demonstrar força e expressividade em números de adeptos, bem como servindo, cada um desses eventos como ato para declarar uma certa autoridade sobre os destinos da cidade. Falar em *Marcha* supõe a constituição de um exército que, tendo uma causa bastante precisa, decide por pôr-se em movimento. A ideia de *Caminhada*, porém, denota algo mais impreciso, frouxo, vago. Assim, por meio das observações realizadas em campo e da análise dos dados lidos, a partir da teoria antropológica, possibilitaremos ao leitor uma compreensão, parcial, acerca das dinâmicas do religioso na cidade de Fortaleza.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Espaço público; Identidade religiosa.

Abstract

This article presents a reflection on the dynamics of the religious from two research field conducted in religious events of Christian headquarters in the city of Fortaleza, in the year 2018. An event of evangelical matrix, called *March for Jesus*, and another of catholic matrix, the *walk with mary*. We agree with anthropologist Clifford Geertz when he states that, in contemporary times, religion seems to have been “driven out” of its traditional spaces of manifestation, launching itself into the occupation of public spaces of sociability for the reaffirmation of its values. We therefore identified

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Assistente de Teoria Política (UECE). Pesquisador do Núcleo de Estudos em Religião e Política (NERPO) e do Laboratório de Estudos de Processos Eleitorais e Mídia (LEPEM).

a certain dispute between Catholics and Protestants over this quintessential public space - the street - in order to demonstrate strength and expressiveness in numbers of supporters, as well as serving each of these events as an act to declare a certain authority over the city destinations. Speaking of March presupposes the formation of an army which, having a very precise cause, decides to set in motion. The idea of walking, however, increases something more vague, loose, vague. Thus, through the observations made in the field and from the analysis of the date read from the anthropological theory, we will allow the reader a partial understanding about the dynamics of the religious in the city of Fortaleza.

Keywords: Contemporaneity; Public place; Religious identity.

Introdução

*O impulso religioso, a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da existência empírica neste mundo, tem sido uma característica perene da humanidade (isto é uma afirmação antropológica, e não teológica – um filósofo agnóstico ou mesmo ateu pode muito bem concordar com ela).
Peter Berger*

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as dinâmicas do religioso na contemporaneidade a partir de duas observações de campo realizadas em eventos religiosos na cidade de Fortaleza (que possui já uma marca de mais de dois milhões de habitantes), capital do Ceará, no ano de 2018. Um evento de matriz cristã evangélica, denominado *Marcha para Jesus* (que ocorre a nível nacional em datas distintas, nas capitais, ganhando expressividade sempre crescente nos últimos anos), e um evento de matriz católica, que vem ocorrendo desde 2003, com data fixada (o dia 15 de agosto, data em que se celebra a festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Assunção) – a *Caminhada com Maria*. Nosso intuito era perceber a apropriação do espaço público pelos atores religiosos identificados com cada um desses segmentos e de que como estes atores ressignificavam o espaço público para a expressão de suas crenças.

Concordamos com o antropólogo Clifford Geertz quando afirma que, na contemporaneidade, a religião parece ter sido “impulsionada para fora” dos seus tradicionais espaços de manifestação e, assim, “hoje em dia, a ‘luta religiosa’ refere-se

quase sempre a ocorrências bastante externas, a processos ao ar livre que acontecem em praça pública” (GEERTZ, 2001, p. 159). Identificamos, pois, uma certa apropriação do espaço público da rua, aos moldes de uma disputa, entre católicos e protestantes para a demonstração de força e expressividade em números de seus adeptos, utilizando-se mesmo do momento da realização do evento para declarar uma certa autoridade sobre os destinos da cidade, em frases de efeito pronunciadas e repetidas inúmeras vezes, tais como: “*Fortaleza é do senhor Jesus*” (evangélicos) ou “*Fortaleza tem, sim, uma mãe*” (católicos). Uma disputa entre os *soldados de Cristo* e os *devotos de Maria*, conforme pudemos constatar durante nosso trabalho de campo.

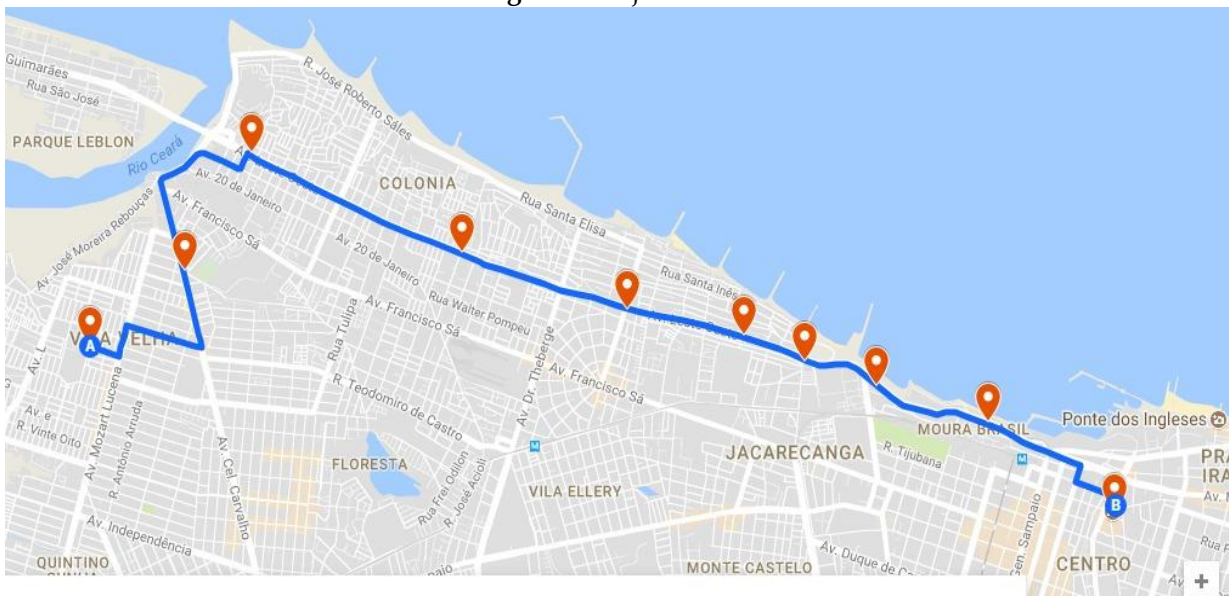
Utilizando-se de entrevistas com os organizadores dos dois eventos, observações de campo e conversas informais com os participantes no dia da realização de cada um deles, o artigo desenvolve-se como uma análise que, dentre outras coisas, tem como objetivo apresentar algumas considerações acerca dos modos como o religioso vem expressando-se e reafirmando suas dinâmicas identitárias contemporaneamente.

Importa salientar que o trajeto de ambos os eventos é quase o mesmo. A *Caminhada com Maria* tem um percurso maior, iniciando-se na Ponte do Rio Ceará, local onde se acredita que a cidade de Fortaleza tenha surgido, ainda no século XVIII. A idéia que se passa durante o evento é de um retorno às origens da cidade que, segundo os organizadores, teria surgido “sob as bênçãos de Nossa Senhora da Assunção, a ‘Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção’, mas que teria perdido essa identidade ao longo dos anos” (Ibiapina, entrevista realizada em 08/08/2018, Fortaleza). Vai-se, então, da Barra do Ceará até a Catedral Metropolitana de Fortaleza, localizada no Centro da Cidade, fazendo com que mais da metade do caminho seja o mesmo por onde passa a *Marcha para Jesus*, ou seja, a Avenida Leste-Oeste, espaço onde estão localizados espaços públicos de grande importância para a operação de ressignificação operada pela linguagem religiosa: a Santa Casa de Misericórdia, a Secretária Estadual da Fazenda, um grande Hotel, a “nova Beira-Mar” (como se chama essa avenida depois da requalificação feita durante a gestão da

ex-prefeita Luizianne Lins), um quartel do Exército, o Mercado Central e a Praça do Passeio Público. Uma vez que a Marcha vai além da localização da Catedral de Fortaleza, terminando no Aterro da Praia de Iracema, atravessa outros lugares simbólicos da cidade, tais como o Centro Cultural Dragão do Mar (espaço boêmio por excelência), a Ponte Metálica e o início da Avenida Beira Mar.

A imagem 1 nos mostra o percurso realizado pela *Caminhada com Maria*, sendo o ponto A o início, no Santuário de Nossa Senhora da Assunção (Barra do Ceará), e o ponto B o final, na Catedral Metropolitana de Fortaleza:

Imagem 1: Trajeto da Caminhada



Fonte: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/wp-content/uploads/2017/08/Mapa-do-percurso-da-Caminhada-com-Maria.jpg>

O trajeto da Marcha para Jesus, por sua vez, é quase o mesmo, iniciando-se no bairro Jacarecanga, que se vê no mapa acima, e indo um pouco mais além, onde se lê “Ponte dos Ingleses”, na Avenida Beira Mar.

Assim, temos o espaço público da cidade de Fortaleza, suas avenidas em particular, orientado para a expressão de grupos religiosos e das operações de significado por estes levadas a cabo. Conforme salienta Miranda (2012, p.2):

Nas últimas três décadas, grupos cristãos – de modo particular os católicos - veem transformando a cidade de Fortaleza por meio da construção de edificações, da instituição de alternativas aos tradicionais espaços de vivência da fé, assim como da apropriação permanente e temporária de ruas e logradouros públicos. São maneiras novas de “praticar a cidade” (...) consistem principalmente na reelaboração das práticas, acompanhada da ressignificação de antigos símbolos e das reinterpretações da tradição. Essas modalidades de expressão religiosa são identificáveis nas características do patrimônio material e imaterial cuja localização vem mostrando uma nova configuração espacial do religioso urbano.

Vemos essa “nova configuração espacial”, conforme a autora, operada não apenas por esses dois eventos, mas ainda por alguns outros, em especial de matriz católica: a construção de imagens sacras em vias públicas e com orçamento público – tais como Jesus Cristo (Av. José Bastos), Nossa Senhora Aparecida (Montes), Nossa Senhora de Fátima (Praça Pio IX ou de Fátima), Nossa Senhora das Graças (Oficina Cordeiro, na Aerolândia), Nossa Senhora das Graças (Lago Jacareí), Nossa Senhora de Fátima (pracinha da Coelce), Nossa Senhora da Assunção (Conjunto Nova Assunção), Nossa Senhora da Saúde (Praça Nossa Senhora da Saúde), Santa Edwiges (Av. Leste-Oeste); além disso, ressalte-se a recente inclusão do evento católico *Evangelizar é Preciso*, comandado pelo padre Reginaldo Manzotti, no calendário oficial de eventos da cidade, devendo o Poder Executivo adotar “medidas cabíveis para apoiar” a organização do mesmo. Do lado evangélico, o que se pode perceber na cidade é a realização de grandes shows de música gospel, em especial no Aterro da Praia de Iracema, local onde se pode reunir e exibir uma grande multidão, além da construção de inúmeros novos templos ao longo da cidade, dando relevo à ocupação de prédios que, até então, eram utilizados como casas de show (o clube G4, no Siqueira, e o clube Três Amores, além do imenso prédio da Igreja Canaã, nas proximidades do Estádio castelão), mostrando a reutilização desses espaços, agora destinados ao consumo da fé.

Postas essas considerações, verificamos a importância de realizarmos duas pesquisas de campo para compreendermos melhor a atual configuração religiosa da

cidade, destacando desse imenso caleidoscópio os segmentos católico e evangélico. Por isso mesmo é que optamos por destacar em itálico em nosso título a palavra *Fortaleza*, tanto significando ali a cidade onde as pesquisas foram feitas, como a significar também a densidade e capilaridade desses segmentos religiosos.

Vemos, pois, que experiências de fé estão cada vez mais presentes no cotidiano de nossas cidades, parecendo afirmar que a famigerada “secularização”, como condição *sine qua non* dos processos de modernização, parece não ter se fincado com tantas raízes em solo brasileiro quanto a *Santa Cruz*, que valeu-nos nosso primeiro nome. Mas. Termos uma sociedade *mais religiosa* é dizer que temos uma sociedade cada vez *mais cristã*. Os dados do Censo do IBGE de 2010 mostram o seguinte:

Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos. O conjunto das *outras religiões* (incluindo espíritas e cultos afro-brasileiros) dobrou de tamanho, passando de 2,5% para 5%. De 1980 para cá, portanto, prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil, mas se manteve praticamente intocado seu caráter esmagadoramente cristão. (MARIANO, 2013, p. 119).

Apesar da persistência da pertença religiosa em nossa sociedade, consideramos que a religião tem encontrado diversos entraves às operações de permanência e transmissão religiosa num mundo que cada vez mais desafia a religião, um mundo-universal-secularizado ou que assim se pretende. Daniele Hervieu-Léger, importante pesquisadora francesa do campo religioso e das suas mutações, coloca-nos a seguinte questão:

Todas as instituições de socialização (família, escola etc) são confrontadas com aquilo que se convencionou chamar de “crise da transmissão”. O problema se coloca, muito globalmente, da seguinte maneira: como as instituições que têm por função produzir as representações, as atitudes e os comportamentos dos indivíduos em

conformidade com os valores e as normas que elas difundem, podem ainda garantir essa função numa sociedade moderna colocada na “era do relativo”? (HERVIEU-LEGER, 1997, p. 42).

A preocupação central da autora é com a transmissão das identidades religiosas - pretensamente fixas e sólidas - em uma sociedade em movimento, flexível e plástica. Para isto, desenvolve um esquema com quatro lógicas de “construção do grupo religioso”: comunitária, ética, emocional e cultural. Para fins deste artigo interessa-nos as duas primeiras categorias. Na “lógica comunitária”, emerge a “delimitação social do grupo e a definição formal das adesões”, ou seja, ocorre a incorporação das “marcas do particular” que o grupo arvora para si. Em nossas etnografias foi comum ouvirmos afirmações do tipo: *somos cristãos protestantes, nos vestimos assim, oramos assim; somos católicos marianos, somos filhos de Maria, ela é nossa mãe, carregamos o terço, rezamos a ladainha*: sempre operações discursivas que tratavam de ressaltar uma pertença comunitária a definir os indivíduos.

Por sua vez, na “lógica ética” ocorre a “definição dos valores compartilhados no interior do grupo”, fazendo com que tais valores tornem-se “universalizáveis”, pautem o comportamento daqueles que a abraçam. Assim é que ganham sentido afirmações do tipo: *se aceitamos o senhor Jesus, não adoramos imagens, não bebemos, não escutamos tais músicas, achamos o homossexualismo um pecado; se somos católicos condenamos o aborto, amamos o papa, nos confessamos ao sacerdote etc.*

Por isso é que, para a autora, pesquisas que venham a dedicar-se à religião devem tentar capturar “toda a substância do crer: as práticas, as pertenças vividas, as orientações éticas, modos de entender o mundo e de se inscrever ativamente nas diferentes esferas de ação que as constituem” (HERVIEU-LEGER, 1997, p. 50). Exatamente por esse caminho é que nos dedicamos a observar os dois *movimentos de fé* na cidade de Fortaleza, procurando traçar os percursos feitos e as ressignificações operadas por aqueles que mantêm uma identidade cristã, seja como protestante ou como católico.

A Fortaleza dos protestantes: o exército de Deus em *Marcha para Jesus*

*Pelo Senhor, marchamos sim.
Seu exército, poderoso é.
Sua glória será vista em toda a terra.
Vamos cantar o canto da vitória:
Glória a Deus!
Vencemos a batalha!
Toda arma contra nós perecerá.
E o nosso general é Cristo...
(Hino gospel cantando durante a Marcha)*

Em ordem cronológica, o primeiro dos eventos a ocorrer foi a *Marcha para Jesus*, que teve a sua 30ª edição realizada em Fortaleza. Apesar de ter sido iniciada por uma ação da *Igreja Renascer em Cristo*, sediada em São Paulo, em Fortaleza a *Marcha* é organizada por uma associação de várias denominações evangélicas, tendo à frente a OMERCE (Ordem dos Ministros do Evangelho no Ceará). O termo *marcha* faz referência a várias passagens bíblicas onde relatam-se ordenações ao *povo de Deus* para que *marchasse* rumo a uma vitória encontrada logo em *frente*. Foi assim na saída do povo de Israel do Egito (narrada no livro do Êxodo), bem como no cerco realizado por Josué na cidade de Jericó, onde se deu voltas em torno da cidade por 7 dias, cantando com a *arca da aliança*. É nesse espírito, nessa “perspectiva religiosa” de *marchar para a vitória*, que acontece a *marcha*: é como uma preparação para uma “guerra espiritual”, disse-nos em entrevista o responsável pela divulgação do evento.

Na semana entre 08 e 12/06/2018, o jornal *O Povo* publicou uma série de reportagens intitulada “Expansão dos templos evangélicos”. Nela observam-se alguns pontos importantes a serem destacados: 1-Fortaleza possui 3,5 mil templos evangélicos (o que representa 11 para cada templo católico); 2- No Ceará, 16,2% dos habitantes se dizem evangélicos, ou seja, 1,4 milhão; 3- Fortaleza possui 22% das pessoas que se dizem evangélicas (1 em cada 4); 4- As Igrejas com mais adeptos são: Assembléia de Deus- 3,70%-, IURD- 3,10%- e Batista- 1,90%; 5- Devido ao

crescimento do comércio evangélico, foi fundada a Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP), que reúne 400 associados semanalmente.

Entrevistando: o antropólogo procurando captar os sentidos

Em um texto intitulado “O Trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, Roberto Cardoso de Oliveira, eminente antropólogo brasileiro, reflete acerca de questões inerentes ao ato de etnografar. Tais questões estariam ligadas a três momentos distintos e complementares do ato etnográfico: olhar, ouvir e escrever. Segundo o autor, essas seriam as “principais faculdades do entendimento sócio-cultural”, uma vez serem elas “inerentes ao modo de conhecer das ciências sociais” (OLIVEIRA, 1998, p.17).

Nesse ato de ouvir operado pela entrevista, ocorre um “encontro etnográfico”, pois ela permite ao pesquisador “obter informações não alcançáveis pela estrita observação” (OLIVEIRA, 1998, p. 22), conforme afirma Oliveira. Se a observação participante por nós realizada (tanto na *Marcha* quanto na *Caminhada*) permitiu-nos ver o ritual, faltava-nos a compreensão do sentido em organizar-se um evento pelas ruas da cidade. Assim, pôde-se verificar durante a entrevista que sentidos eram postos e vivenciados pelos fiéis ao marcharem/caminharem.

Orar pela cidade, impor as mãos sobre Fortaleza, trazer a salvação, anunciar o Reino: pareceu-nos serem esses os sentidos para a realização da *Marcha para Jesus*, segundo os relatos do organizador do evento, Pastor Paixão. “Será um momento em que uma multidão de pessoas poderá colocar por terra a violência, as desordens da cidade”, disse-nos ele. Optamos por fazer perguntas² as mais semelhantes possíveis para os

² A entrevista com o organizador foi realizada na própria sede da Associação, na cidade de Fortaleza, e tornou-se possível graças ao intermédio de uma colega que, sendo evangélica, conhecia pessoas do entorno do organizador que intermediaram a realização. Assim sendo, a rede de contatos mostrou-se, mais uma vez, imprescindível para a realização da entrevista, sobretudo quando essa rede contempla sujeitos do campo com o qual se pretende interagir em termos de pesquisa. Tal entrevista possibilitou, inclusive, uma credencial para acompanhar a Marcha de cima de um trios. As imagens captadas no dia, assim como as da Caminha, não tendo sido salvas em arquivo, não puderam ser aqui exibidas por terem sido perdidas junto com o aparelho de celular furtado durante o tempo da pesquisa e a escrita deste texto.

organizadores da *Marcha* e da *Caminhada* (como compreendiam a cidade de Fortaleza, quais as particularidades aí do trabalho missionário, como percebiam o mundo atual, por que realizar esse evento, que perigos ameaçavam a fé em sua concepção, as relações entre fé e política, dentre outras).

Abaixo seguem algumas considerações feitas pelo organizador:

- “O homem não pode viver longe de Deus. Quem tira a paz do homem é o próprio homem,”;
- “No Brasil há uma previsão de que, até 2030, de 40 a 50% da população será evangélica”;
- “Fortaleza é uma cidade preocupante, pois há uma população de 84% que não é evangélica, voltada para o crime, prostituição, violência.”;
- “É preciso ter uma nação de evangélicos”;
- “Há uma nuvem negra sobre Fortaleza”;
- “A marcha junta as identidades evangélicas”;
- “Nós vamos para que 150 mil mãos declarem que Fortaleza é de Jesus”;
- “Se você fosse pregar no meio da Caminhada com Maria ia ter problema físico... muitos evangélicos hoje estiveram lá... no carnaval é diferente porque lá não está se representando grupo nenhum. Acho desrespeitoso, precisamos orar através da marcha sobre estas vidas”;
- “90% dos lugares onde Jesus pregou foram lugares públicos”;
- “Os pastores vão todos na frente, vão ministrando”.

Essas foram as principais frases colhidas durante a entrevista. Convém tecermos algumas considerações para que se compreendam algumas respostas. A segunda frase coloca-nos em sintonia com o revelado pela série de reportagens do jornal *O Povo*, citada anteriormente. Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil, com destaque para a redução da proporção de católicos em relação à população total pesquisada (de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010) e o significativo e consolidado aumento do número de evangélicos das mais variadas denominações (saltando de 15,4% no Censo anterior para 22,2% no atual). De posse destes dados é possível compreender como, ao tratarmos do seguimento religioso evangélico no Brasil, estamos nos referindo a um segmento social que, embora portador de uma heterogeneidade

corresponde agora à marca de quase ¼ da população, alcançando uma capilaridade considerável que faz marcar sua presença nos rumos decisórios do país, seja nos processos sociais e identitários em nível geral, seja nas deliberações político-institucionais nas várias esferas do poder.

Isso porque a *representatividade social* deste segmento (demonstrada acima por seu exponencial crescimento atestado pelo último censo), com forte atuação social e cultural, tem gerado um grande *investimento* na política para transformar-se em *representatividade política*, implicando uma politização do discurso e do espaço religiosos e uma estratégia de ocupação de cargos na esfera pública por parte de organizações e movimentos religiosos, certos de estarem dando prosseguimento à um projeto de “salvação da política”. Por isso mesmo é que, segundo o organizador, quem quer que venha a “ir contra a Bíblia” não merece o respeito dessa coletividade. O livro sagrado passa a ser a referência de conduta ética e de dignidade não somente dentro dos quadros da crença, mas para toda a coletividade social. Vivenciamos, assim, um conservadorismo impregnado que tende a ler a estrutura social e a ação do Estado vinculadas aos valores religiosos cristãos, ganhando o cristianismo o *status* de religião privilegiada e com pleno direito de influenciar os rumos do país. Nestes termos é que “a Bíblia transformou-se na grande referência ética para pensar a sociedade e a política”, conforme afirma Miranda (1999, p.14).

A terceira frase pode ser lida junto à undécima: aquele que não é evangélico incorre em várias desclassificações, em erros que encaminham-no para o mal, não merecendo o menor respeito, mesmo que seja uma pessoa humana. Portanto, é necessário que ocorra o que está descrito na quarta frase. Há uma nítida compreensão da multiplicidade das identidades evangélicas (frase sexta), que permite um expressivo número de fiéis (frase sétima) a estender as mãos sobre a cidade para que ela fique límpida (frase quinta).

Quisemos saber do pastor se cabia alguma ação de conquista – evangelização – dos sujeitos que iriam à *Caminhada com Maria*, se naquele dia caberia ou iria haver alguma ação de conquista desses sujeitos, ao que o pastor respondeu de forma a

sugerir uma certa noção de que a perspectiva evangélica era apenas mais uma no imenso conjunto de práticas religiosas que acontecem na cidade de Fortaleza (frase oitava).

Observando: o antropólogo procurando captar os movimentos

A *Marcha para Jesus* realizou-se no dia 20 de junho. O percurso totaliza 4,5km, percorridos desde a Praça do Liceu, no bairro Jacarecanga, até chegar ao Aterro da Praia de Iracema, onde é realizado um grande show gospel de encerramento. Ao chegarmos ao local de onde a *Marcha* partiria, tentamos captar os sentidos da mesma para aqueles fiéis que ali se encontravam.

Pudemos perceber, logo de início, a grande quantidade de jovens que chegavam em caravana, muitos deles vestidos com camisetas que demarcavam sua pertença religiosa. Um desses jovens vestia uma camiseta com a inscrição “Atalaias do Senhor”. Segundo nos contou isso significava que ele era uma pessoa a quem “Deus chamou para divulgar a salvação ao mundo, mostrando que a solução para todas as coisas é Jesus”. Havia, pois, nele uma intenção de mostrar aos seus pares, mas também à própria cidade, que ele era um “escolhido”, e alguém que portava uma verdade: a de que a única solução para os problemas era uma pessoa, aquela que, não por acaso, o havia escolhido para anunciar isso ao mundo.

Conversamos com um outro jovem, que disse-nos trabalhar há 11 anos com usuários de drogas. Segundo ele, “o povo está indo de mal a pior porque os jovens buscam seu próprio interesse”, esquecendo-se eles de que “Deus é mais”. Ao indagarmos sobre o que significaria esse “mais”, o jovem não soube responder mas afirmou que os jovens “buscam praticar esportes e se formar”, mas que nisso não estaria a “maior felicidade”. Por isso é que, segundo ele, “a *Marcha* é um espaço para nós mostrarmos o poder de Deus”. Essa lógica do poder pareceu-nos de suma importância.

Por volta das 15h30min deu-se o ponto de partida. Conseguimos autorização para subirmos a um dos trios elétricos (havia um total de cinco) que foram utilizados

para a *Marcha*. Do alto pudemos perceber que muitos vestiam uma camiseta do evento, porém com cores diferenciadas, numa certa hierarquia de posições: a cor dos pastores, a dos balizadores, a dos organizadores e a dos fiéis. A multidão era contida pelos balizadores por trás desse trio de onde estávamos, o principal. À frente, marchavam os pastores. Em certo momento, Fernando Fé (cantor gospel responsável pela animação durante o percurso), contrariou a ordenação e sugeriu que os fiéis fossem não mais atrás desse trio, mas ao lado para que “o trio fique como uma arca”. Somente assim, disse, “o povo entra na guerra”.

O Pastor Paixão foi o responsável pela oração que deu a *voz de comando* da *Marcha*, conclamando os fiéis ali presentes a “expulsar os demônios de Fortaleza e declarar que Jesus é o senhor”. Vários aleluias seguiram-se à sua voz. Na oração do pastor um pedido especial: “que a cada *passada* do teu povo se opere a redenção do mundo”. *Marchar* sobre a cidade constitui-se, aqui, bem mais do que um simples descolamento: é a própria redenção do mundo que se executa. O significado apontava para algo bem maior do que a simples reunião de um conjunto de homens e mulheres a andar pelas ruas de Fortaleza: ali estava *o exército de Deus* marchando para redimir a humanidade.

Depois disso, ao longo da *Marcha*, os fiéis seguiram ao ritmo de músicas *gospel*, cantadas sob a forma de *axé music*, dando à mesma a impressão de uma grande *micareta cristã*: além de músicas cantadas em ritmo baiano, muitos jovens estavam vestidos de maneira pouco usual entre os evangélicos, com roupas bastante apertadas, rapazes exibindo corpos sarados em camisetas bastante decotadas, usando brincos, com braços à mostra, para ficar somente nesses exemplos.

A *Marcha* parou em seis pontos estratégicos, onde se seguiram discursos e orações: a Escola de Aprendizes Marinheiros, o Instituto Médico Legal (IML), a Santa Casa de Misericórdia, a sede da Secretaria da Fazenda (SEFAZ), o Tribunal Regional Eleitoral e o Centro Cultural do Mar. Em cada uma dessas paradas, antes da chegada da *Marcha*, havia um grupo de intercessores preparando a recepção dos fiéis. Uma temática específica foi elencada quando da chegada dos pastores, tornando-se o

elemento da oração a ser feita. As temáticas foram, respectivamente, as seguintes: o bom desempenho das Forças Armadas na defesa do país; pelo fim da violência que atinge a cidade, “fruto da desobediência ao Senhor”; pela cura “das enfermidades do corpo e da alma, pois Jesus é o médico dos médicos”; pela economia do Estado e pelos governantes, “para que governem segundo o coração de Deus”; e pela conversão da juventude, “tão enfraquecida pela sedução de satanás”. Vale registrar aqui que, ao passar pela Praia da Leste-Oeste, o animador pediu para que todos se voltassem para o mar e fizessem uma oração ali, “por todas as entradas espirituais da cidade”, uma vez que era no mar “que o espírito de Deus pairava no começo do mundo”.

Com a *Marcha* chegando já próxima do seu final, o animador sentenciou: “todos os demônios da cidade estão desesperados, pois o povo de Deus está pisando em suas cabeças”. A multidão de fiéis foi ao delírio. No geral, manteve-se o clima organizado, com pronta obediência aos comandos dados de cima do trio. Chegados ao Aterro da Praia de Iracema os fiéis dispersaram-se na busca do melhor local para assistir aos shows que seriam apresentados. Uma vez que nosso interesse era pelo movimento nas ruas, pelo trajeto, terminamos nossa etnografia quando da chegada ao ponto final. Uma das músicas que mais nos chamaram a atenção, e que parece dizer muito sobre a *Marcha*, é a que se segue:

Olha só, quem vem lá,
Marchando para nos salvar,
É o exército de Deus.
E eu também quero marchar.
E eu corro, eu pulo e giro.
E levanto os meus braços para o ar.
Saudando o exército de Deus
Que veio para nos salvar...

A Fortaleza dos católicos: os devotos na Caminhada com Maria

*Fortaleza vai parar
Pra caminhar com Maria.*

*Vem também participar
Da Caminhada com Maria.
Eu também quero caminhar,
Eu também vou participar
Da Caminhada com Maria.
(Hino oficial do evento).*

A *Caminhada com Maria* é um evento da Arquidiocese de Fortaleza, realizado desde 2003 como um substituto da tradicional procissão da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Assunção, comemorado no dia 15 de agosto. A procissão, conforme lembra Miranda,

(...) ligava até os anos 1980, a Catedral localizada ao lado do Forte hoje também chamado de Nossa Senhora da Assunção à igreja de Nossa Senhora do Carmo, ambas no centro. O cortejo seguia pelas ruas centrais e quando muito ia até o Seminário da Prainha, nos limites com a Praia de Iracema. (2012, p. 19)

A *Caminhada*, por sua vez,

(...) liga o centro ao extremo Oeste da cidade, onde está situado o Santuário. Na véspera da festa uma Motocaminhada com Maria leva a imagem da santa até a Barra do Ceará, de onde virá acompanhada pelos fiéis na Caminhada do dia 15. Expandiu-se o itinerário, multiplicou-se o evento e católicos, carismáticos ou não, se fazem cada vez mais presentes. A administração pública garante a fluidez do trânsito, o acesso dos fiéis e a segurança dos participantes. Um comércio ambulante e desordenado prolifera nesses dias ao longo de todo o percurso. (MIRANDA, *op.cit.*, p. 20).

Decidiu-se pela realização de uma *Caminhada*, e não mais de uma procissão, em 2003, ano em que a Arquidiocese de Fortaleza completou 150 anos de sua fundação. O objetivo seria sair da Barra do Ceará, local de nascimento da cidade de Fortaleza e ir até à Catedral Metropolitana, localizada no Centro. Esse percurso foi escolhido porque, segundo Antonio Ibiapina (organizador do evento, que nos concedeu uma entrevista), “fora o mesmo percurso feito por Soares Moreno” – primeiro donatário da capitania do Ceará – no retorno ao Estado, quando “decidiu construir uma capela como agradecimento a Nossa Senhora” pela vitória contra os

holandeses, que haviam construído um Forte nas proximidades da Barra do Ceará – o Forte de Schornemboock – e agora Soares Moreno construiria um outro, o Forte de Nossa Senhora da Assunção. A *Caminhada* assim, ou seu trajeto, faz referência a um motivo fundador da cidade: a gratidão a Nossa Senhora. Ressalte-se que, desde 2003, o dia 15 de agosto é decretado como feriado municipal, deixando-nos ver o teor de hegemonia ainda persistente da Igreja Católica na cidade de Fortaleza, em particular, e no país, de forma geral.

A cada ano escolhe-se um tema para ser refletido. Nesse, foi *Fidelidade de Cristo, Fidelidade de Maria*. Ao longo desses anos o evento já conquistou a alcunha de maior evento religioso do Nordeste brasileiro, perdendo em números apenas para o Círio de Nazaré, realizado na cidade de Belém. Durante a semana, vários *outdoors* foram espalhados por Fortaleza e sua Região Metropolitana, com uma imagem de Maria de braços abertos e em tons azul e branco, cores tradicionalmente identificadas com o manto da Virgem Maria. O número de frequentadores da *Caminhada*, desde o início, tem permanecido na casa dos milhões (a partir de 2007, o número divulgado é de 1,5 milhão de pessoas, contra 15 mil na *Marcha*).

Novamente, a escuta na busca da compreensão dos sentidos

Relembrando o texto de Roberto Cardoso de Oliveira, o ato de ouvir confere ao antropólogo “as principais faculdades do entendimento sócio-cultural” (OLIVEIRA, 1998, p. 17). Entender os sentidos dos homens em suas práticas exige a escuta deles mesmos, escuta demorada que vai engendrando o *ethos* do pesquisador. Por isso, novamente fomos atrás de capturar os sentidos da *Caminhada* a partir das enunciações de seu organizador, o advogado Antonio Ibiapina³, consagrado da Comunidade Católica Shalom e, por muito tempo, exerceu o cargo de coordenador arquidiocesano em da Renovação Carismática de Fortaleza.

³ A partir de um contato feito por meio de um dos números de telefone disponibilizados no material de divulgação da *Caminhada*, conseguimos marcar uma entrevista com o organizador, cuja realização se deu no escritório que mantém na Arquidiocese.

Desde o começo a *Caminhada com Maria* esteve sob a condução da Renovação Carismática Católica (RCC), em particular da Comunidade Católica Shalom (que, sediada em Fortaleza, já chegou em várias partes do mundo e goza de grande prestígio naquela Arquidiocese). Segundo Ibiapina, o “mundo está muito nebuloso” – lembremos que o pastor havia falado de “uma nuvem estranha sobre Fortaleza” – e, por isso, “apresenta inúmeros desafios à evangelização”, pois este mundo “não aceita o senhorio de Jesus”. O Pastor havia falado de um grande índice de crimes porque “84% da população não era evangélica”. A lógica da intolerância ao outro, ao diferente, assim, salta aos olhos. Mas a reflexão sobre isso não era nosso interesse. Portanto, disse Ibiapina, o maior desafio é “manter a tradição da fé”, em especial dentro das famílias que, uma vez guardando a tradição, “geram sacerdotes capazes de responder aos desafios do mundo”, sendo estes os responsáveis por “preservar tudo aquilo que a Igreja possui”.

Apesar disso, segundo ela a “igreja de Fortaleza é privilegiada pelo grande número de comunidades da renovação carismática”, o que faz com que seja grande o número de sacerdotes que daí sai, “mais comprometidos com o espírito missionário”. Algumas de suas respostas seguem abaixo:

- “Uma cidade com 2 milhões de pessoas reunir 1,5 milhão sem nenhuma tração, só com Nossa Senhora, já é muita coisa. Há pessoas que dizem que vai se transformar em um novo Círio de Nazaré”;
- “A Marcha para Jesus é louvável, é uma Marcha de Louvor. Mas eles não marcham com Maria, é incompleta”;
- “A caminhada expressa fé, como a Marcha, expressa um evangelho, mas a parada gay expressa a busca de imaginados direitos. Se você chamar uma pessoa de gay você pode até ser preso, isso é um absurdo. A parada não contribui em nada com a nossa sociedade. A que isso leva? Que benefícios traz para a cidade? O que se vê lá é drogas, anarquia, tudo de ruim. Se sou de uma forma não posso obrigar que todo mundo seja também”.

Muitas considerações podem ser feitas a partir das frases selecionadas acima. A primeira frase deixa entrever um certo desejo de hegemonia católica na cidade de Fortaleza, que aparece comparecer em sua quase totalidade à *Caminhada*. Contudo,

Ibiapina não percebe que os fiéis que vão ao evento provêm de várias cidades do Ceará, e não apenas de sua capital. Depois, a impressão que ficou-nos durante a realização dessa entrevista foi a de um senso intolerante mais presente no organizador católico do que no evangélico. Por dois motivos que aparecem acima. Vejamos:

Em primeiro lugar, enquanto para o Pastor Paixão não cabia nenhuma ação de conquista dos católicos que fossem à *Caminhada* por parte dos evangélicos, Ibiapina sugere uma incompletude no evento evangélico, uma vez que “eles não marcham com Maria”. Somente o evento católico seria, pois, completo.

Em segundo lugar, a forma como aborda a *Parada Gay* e os direitos da população LGBTQ. Para Ibiapina, tal população busca “direitos imaginados”, “não contribuindo em nada com a sociedade”. Num exercício de generalização, observa na *Parada* apenas “mais droga, anarquia, tudo de ruim”. O *bom* por excelência, o *completo*, somente do lado católico. A frase final é lapidar: “não posso obrigar que todo mundo seja dessa forma”. Mas, o que é a prática de evangelização senão o convencimento do outro para abraçar a *minha identidade de fé*, sendo aquilo que eu sou? Como, então, dizer que a *Marcha* é incompleta senão por essa compreensão de que o outro deve ser, como o organizador, *devoto de Maria*?

A captação dos movimentos devotos: observando o caminhar com Maria

Antes de tudo, o povo reunido não início da Avenida Leste-Oeste esperava por uma procissão com a imagem que viria da igreja de Nossa Senhora da Assunção, localizada no bairro Nova Assunção. A procissão chegou ao local por volta das 14h30min. A *Caminhada* iniciou-se às 15hs com a palavra do arcebispo de Fortaleza, Dom José Antônio Aparecido. Em suas palavras, “Maria nos faz caminhar no caminho que é Jesus”. Depois disso, entoou-se o hino oficial da padroeira, distribuído aos fiéis em uma espécie de livretos:

Senhora da Assunção Fortaleza se prosta aos teus pés

Para te louvar para proclamar nossa amada rainha tua és
Virgem Maria teu poder é nosso escudo; desde inicio do fortim onde
nascemos.
O teu olhar foi proteção em tantas lutas. Na construção dessa cidade
em que vivemos.
(...) A Santa Igreja em nossa terra será forte
Se o teu amor, ó Mãe, reinar em nossas almas. E se te amarmos com
ardor até a morte.
Ao Santo Padre em momentos tão difíceis. Aos governantes na chefia
de teu povo
A tua luz que é luz de Deus nos ilumine. Na construção de um
mundo bom de um mundo novo.

Depois disso, cantou-se várias músicas que remetiam à ideia de *Caminhada*: “Ó vem conosco, vem caminhar, Santa Maria vem!”, “Maria, cheia de graça e consolo, venha caminhar com seu povo”, “quem é esta que avança como aurora, mostrando o caminho aos filhos seus”, dentre outras. Contabilizamos 15 trios elétricos que espalhavam-se ao longo da Avenida Leste-Oeste, em diferentes pontos até chegar à Catedral. Em cada um dos trios havia uma apresentação diferente: coroação da imagem de Maria, ballet tendo ao fundo músicas católicas, teatro encenando passagens bíblicas, banda de músicas tradicionais etc.

Como na *Marcha* – que tinha os pastores à frente -, na *Caminhada* era o Clero de Fortaleza quem punha-se à frente dos devotos, levando o andor com a imagem que seria coroada quando chegasse à Catedral. Uma vez que o evento era transmitido pelas 2 emissoras de rádio católicas existentes em Fortaleza (FM Dom Bosco e Rádio Shalom), o som emitido pelos trios era exatamente aquele transmitido por essas rádios. Apesar disso, observamos que a dispersão era total: pessoas iam rezando terços de forma individual ou em grupo, cantando músicas diferentes daquelas entoadas pelos trios, conversando etc. Observamos inúmeras residências ornamentadas com flores e altares improvisados, em especial com ornamentos em branco e azul, exatamente as cores que representam as vestimentas de Maria.

O relato de muitas pessoas remetia ao “agradecimento de graças” ou ao “pedido” delas como motivo para a ida ao evento. “Me sinto muito bem, venho

todos os anos pedir à Nossa Senhora força e paciência”, relatou uma senhora. Para um jovem universitário, era um “momento maravilhoso, grandioso” para agradecer. Uma senhora, bastante idosa, disse-nos que esse dia era “sagrado”, uma vez que “o povo só tem esse dia para procurar Deus”. Assim, para ela, Deus e Maria apareciam como uma só e mesma coisa.

Durante o percurso, um fiel deixou escapar o seguinte: “repara no céu, está sem nenhuma nuvem, é muita coincidência, é o manto de Nossa Senhora”. O fato é que o dia estava muito ensolarado mas, em sua ressignificação, era o “manto de Maria”. Ao contrário da *Marcha*, não houve paradas oficiais em lugares determinados. Observamos várias pessoas com fotos de parentes, carteiras de trabalho, deslocando-se de joelhos etc. Assim, pois, não havia a uniformidade que observamos no evento evangélico. Ao aproximar-se da Catedral, observamos mesmo uma multidão que deixava, desesperadamente, a *Caminhada* para correr e “guardar um lugar” na Catedral. Ao chegar ali, onde seria realizado o ritual de coroação da imagem de Nossa senhora, finalizamos nossa observação.

Palavras finais: ensaiando conclusões

Selecionar palavras para compor o momento final de um relatório de experiência etnográfica não constitui-se ofício dos mais fáceis. Mas, se a compreensão de que estas possíveis conclusões engendram a exigência de continuidade do trabalho de pesquisa, em especial por suscitar novos problemas, então tal dificuldade é, por alguns momentos, atenuada. Pareceu-nos clara a distinção, a partir da perspectiva presente no próprio nome, entre os dois eventos.

Falar em *Marcha* supõe a constituição de um exército que, tendo uma causa bastante precisa, decide por pôr-se em movimento para um determinado lugar, ou rumo a um determinado objetivo. Tal pareceu-nos ser a idéia mesmo do evento evangélico: o exército de fiéis, comandados pelo senhor que os envia à guerra contra as forças espirituais do mal. Não se marcha de qualquer jeito; mas de forma ordenada, submissa, coesa, com passos concentrados, precisos, escolhendo bem o

local por onde passar. Além disso, a *Marcha* traz em si o alvo a ser perseguido, atingido: *para Jesus*. Isso parece sugerir tanto que ele é o alvo do movimento, como este ocorre para o seu deleite, como algo da sua vontade. Marcha-se por se ter o poder, para implantar o poder, para derrotar as forças do mal com esse poder; *marcha-se para Jesus*, sendo ele o destino, mas também sendo ele a razão de ser do movimento, ou sendo ele o espectador primeiro daquele ato de marchar. A ideia do “para”, assim, pareceu-me bastante precisa – há uma razão e um modo de fazer-se o ato. A ação no mundo é uma ação de guerra, de luta, de enfrentamento. Há uma salvação a anunciar, a apregoar.

A ideia de *Caminhada*, porém, denota algo mais impreciso, frouxo, vago. Caminhar, ao contrário de marchar, não exige passos concatenados, ensaiados, coesos; cada um caminha ao seu passo, ao seu movimento, no seu ritmo. Não se constitui um exército a marchar pela cidade em busca de um objetivo. Apenas caminha-se. Caminha-se “com” alguém – Maria – e esse ato pode dar-se de inúmeras modos e para inúmeros lugares. Aonde chegar não é bem dito, tampouco o modo como se deve fazer; apenas diz-se com quem se caminha, sendo este alguém capaz de caminhar consigo da forma como tiver de caminhar.

Há também uma diferença entre as duas ideias: enquanto na *Marcha* já se diz para quem ela é feita – *para Jesus* – ou mesmo quem a ordena, com que objetivo etc, na *Caminhada* isso não está dito, não se sabe onde se chegará, qual o objetivo ou mesmo em nome de quem isso se dá. Apenas a companhia, e não objetivo, está dito: *com Maria*.

Uma mesma cidade, uma mesma matriz religiosa – o cristianismo – mas duas maneiras distintas de colocar-se no mundo, ressignificando-o: ou como um exército contrário às hostes postas e sedimentadas nos valores legitimados por essa sociedade, ou caminhado por esse mundo, sem saber ao certo o que nele fazer, mas apenas com quem se pode contar. Eis as observações que pudemos tecer sobre a apropriação religiosa do espaço na cidade de Fortaleza.

Referências

- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001. Disponível em: <http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/dessecularizacaoLERR.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- GEERTZ, Clifford. O beliscão de destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 149-165.
- HERVIEU-LEGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 1997.
- MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 24, p. 119-137, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/43696>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- MIRANDA, Julia. Por uma cartografia da fé: os usos religiosos do espaço urbano. 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia, São Paulo, 2012.
- _____. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política, 1999. (Coleção Antropologia da Política; 6).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

Recebido em 03-08-2019.
Aprovado em 21-09-2019.